

O prazer do texto clariceano

Rodrigo da Costa Araujo¹

CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da (org.). **Clarice: Olhares oblíquos, retratos plurais**. Uberlândia. EDUFU. 2012. 292p.

Estou à procura de um livro para ler. É um livro todo especial. Eu o imagino como a um rosto sem traços. Não lhe sei o nome nem o autor. Quem sabe, às vezes penso que estou à procura de um livro que eu mesma escreveria. Não sei. Mas faço tantas fantasias a respeito desse livro desconhecido e já tão profundamente amado. Uma das fantasias é assim: eu o estaria lendo e de súbito, a uma frase lida, com lágrimas nos olhos diria em êxtase de dor e de enfim libertação: “Mas é que eu não sabia que se pode tudo, meu Deus! [Clarice Lispector. In: *A Descoberta do Mundo*, 1992, p.246]

A elegante coletânea de ensaios *Clarice: Olhares oblíquos, retratos plurais* (2012), organizada pela professora Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha, analisa o processo de construção da narrativa de Clarice Lispector (1920-1977) sob diversos olhares, assumindo, desde o título/paratexto que apresenta a obra, certa errância, sinuosidade e pluralidade de sentidos que guardam os textos da consagrada escritora.

Os treze ensaios que compõem a coletânea, - todos eles de diferentes pesquisadores de universidades brasileiras -, apresentam potentes contribuições críticas e teóricas que auxiliam a penetrar, delicadamente, no território ficcional de Clarice Lispector. Mas, afinal, quem lê Clarice Lispector? Essa é a primeira pergunta que a coletânea procura responder, ao mesmo tempo em que parte para uma outra questão: como se lê Clarice? Por isso, os recortes, sempre desdobrando-se do título da coletânea, valem-se de estratégias interpretativas bem distintas

¹ Doutorando em Literatura Comparada e Mestre em Ciência da Arte (2008) pela Universidade Federal Fluminense. Professor de Literatura infantojuvenil e Arte Educação da FAFIMA - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Macaé. Coautor das coletâneas *Literatura e Interfaces, Leituras em Educação* (2011) e *Literatura Infantojuvenil: diábruras, imaginação e deleite* (2012), todas lançadas pela Editora Opção. E-mail: rodricoara@uol.com.br

dos modos habituais de leitura daquilo que, com certa naturalidade, costumamos chamar de obra literária.

Os livros de Clarice não são muitos, ou pelo menos são, em sua maioria, curtos (a extensão do texto também diz de seu espírito e de sua arte). A enormidade - e o que assusta - vem não do volume do material impresso, mas surgem - como fizeram os vários autores dos ensaios - do volume dos sentidos possíveis. O prazer do texto e a generosidade semântica e imaginária dos textos (as pulsações) de Clarice são por demais excessivos: abrem-se escandalosamente, talvez ela dissesse, a uma liberdade sufocante e ao mesmo tempo prazerosa. Talvez por isso, a ampla tendência dos recortes a olhá-la por intermédio de brechas, de uma infiltração qualquer, para tentar surpreender, num sulco, o fabrico de sua magia e encanto.

Acompanhando essas pulsações, o conjunto dos ensaios entregam análises críticas minuciosas, delicadíssimas, da produção clariceana abordada em diversos vieses, que articulam, a um só tempo, indagações candentes em torno de questões específicas da sua produção literária, dentre elas, a ficção e as correspondências da escritora, a narrativa em textualidade cênico-teatral, a ficcionista em face de si mesma e de seus personagens, Clarice e as versões de si mesma, a escrita de si em *Água viva*, a literatura infanto-juvenil, a polifonia e a origem judaica da escritora e suas representações na ficção, a presença insistente e metafórica dos animais, e, por fim, as proximidades da ficção com a confissão em *A Hora da estrela*.

Em todos os ensaios, são revelados, por escritas de caleidoscópica visão, o poder da ficção da escritora, suas materializações, seus aspectos, sua força geradora e transgressora. As variadas abordagens sinalizam a diversidade e a complexidade das estratégias usadas na articulação entre literatura/texto literário e outros saberes que, de alguma forma, estimulam, antes de tudo, o diálogo e a reflexão em torno das questões dos estudos comparados.

Apesar das pulsações, ler *Clarice: Olhares oblíquos, retratos plurais* funciona como “uma floresta de signos”, texto-livro de ruminação, de digestão “oblíqua”, que exige certa categoria de leitor, também, oblíquo e plural: aquele disposto a ruminar, ser capaz de vislumbrar, de ler “sussurros” leitor que não se interesse apenas por fatos e ações. Aquele leitor que o escritor “engate”, “fisque”, “seduza”, “alície”, -“*que je le drague*”, como faz e escreve o crítico-escritor Roland Barthes (1915-1980) “sem saber onde ele está”. Um leitor capaz de entrar na dialética do prazer do escritor (dos ensaios aqui apresentados), para que se crie “um espaço de gozo”. Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma *imprevisão* do gozo: que os dados não estejam lançados, que haja um jogos”²

Feito o texto de Clarice e as leituras que se fazem dela a partir desses jogo, *Clarice: Olhares oblíquos, retratos plurais* aspira a um leitor de “gozo”. De alguém que leia os ensaios sem pressa, acompanhando os recortes e seus acessos a múltiplas vertentes que, em seu conjunto, acentuam, antes, contradições e soluções híbridas, contestando possibilidades de consenso e síntese, “pois o que chega à linguagem não chega ao discurso”. Um leitor dotado de uma disponibilidade ou-

² BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris. Seuil. 1973. p. 11.

tra, que recupere “o ócio das antigas leituras”, porque “a fenda das duas margens, o interstício do gozo, produz-se no volume das linguagens, na enunciação, não na sequência dos enunciados: não engolir, mas pastar, tosquiar, aparar com minúcia, redescobrir”³.

Assim, o leitor (re)descobrirá que os protocolos para se ler “o prazer do texto clariceano”, em seus vários recortes, neste livro, e cenário paradoxal de grandes e perversas transformações, apresentam-se como indagação, discussões mediadas por metodologias diversas e interdisciplinares. Nessa ótica, os colaboradores dessa coletânea, especialistas em suas respectivas esferas dos estudos da Literatura, estimulam a ampliação do horizonte dos debates em torno da escritora d’*A Descoberta do Mundo*, tentando esboçar a dinâmica e os cenários culturais em que formas distintas se afirmam hoje como projeto em que a Literatura desenha e desempenha um papel criativo fundamental.

Transdisciplinar e pontual, os textos dessa coletânea recorrem a múltiplos arquivos, oferta-nos delicadas pistas, como se - também utilizando-se da astúcia e da fineza de seus autores (e, conseqüentemente da escritora que eles escolheram) - estivessem ao lado do leitor a transmitir as técnicas e as sutilezas da investigação crítica, essencialmente para ler os textos de Clarice. E, assim, qual detetive da escritura clariceana, treinamos, também nós, tal arte, a ponto de podermos - seguindo seus textos - recompor e reconhecer as difíceis relações de intensidade entre o detalhe e o parcial; assenhoram-nos duplamente das ativas escrituras da escritora. Menos importante será o que a obra significa em si mesma, e mais o que faz significar quando face a sua absoluta, genial e insistente aproximação com o não eu, o outro, o fora.

Desse jeito, quem sabe, aprendemos a ver o literário - ou o prazer do texto de Clarice - em sua transitividade, em suas operações de deslocamento, passando por processos, meios e estágios variados. Além de fertilizar a vida crítica da instituição literatura e ativar a *práxis* textual de Clarice Lispector, este livro convida-nos a saberes diferidos, enfocados sob ritmos, vontades e valores constituintes de “olhares oblíquos” e “retratos plurais”.

Referências

BARTHES, Roland. *S/Z*. Paris. Seuil. 1970.

_____. *Le plaisir du texte*. Paris. Seuil. 1973

.CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da (org.). *Clarice: Olhares oblíquos, retratos plurais*. Uberlândia. EDUFU. 2012.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1992.

1 - Rodrigo da Costa Araujo: <http://lattes.cnpq.br/2412897737732534>

³ BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris. Seuil. 1973. pp. 23-24.